

**Nunca dissemos
adeus**

Nunca dissemos adeus

C. F. Marques

Título: **Nunca dissemos adeus**

Nome do autor: C. F. Marques

ISBN: 9789403661995

Edição: Ana Filipa Pires

Fotografia: C. F. Marques

Designer da capa: C. F. Marques

Reservados todos os direitos, incluindo o direito de reprodução total ou parcial sob qualquer forma.

2022

Bookmundo.pt

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990

Esta é uma obra de ficção e qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à minha filha, que no alto dos seus onze anos me encorajou a sonhar muito mais alto do que me atreveria sozinha. Foi a primeira pessoa a ver o potencial deste romance, apesar de eu só lhe ter contado por alto a história que estava nesse momento a tentar contar.

Ao meu marido que no seu silêncio me deu liberdade para escrever. Ele sem se aperceber fez que eu alterasse um dos momentos da história, tornando-o muito mais especial.

À minha amiga Liliana que se encheu de energia (e coragem) para ler uma versão muito embrionária cheia de erros ortográficos e quase sem parágrafos da história que eu tentava contar. Foi a que me empurrou para a construção de uma estrutura mais firme e a única que tentou fazer-me alterar o final pelo amor que ganhou às personagens.

À minha amiga Luísa que com todo o carinho me viu chorar na minha luta para suavizar arestas e ondas.

À minha amiga Maria dos Anjos que com a sua energia me fez ver que nem o céu tinha de ser o limite.

À minha cunhada Cátia por me lembrar que podemos ver a história de vários ângulos.

Às quatro juntam-se a D. Ana, a Cláudia, a minha Teresinha, a Márcia e a Niria que aturaram horas que somadas

igualam dias de desabafos, choros e euforias. Elas sabem o porquê do livro, da história.

À alegria da minha afilhada Beatriz.

Aos meus pais pelo brilho no olhar com que me surpreenderam.

À editora de texto, Ana Filipa Pires, por todo o carinho e devoção que dedicou ao aperfeiçoamento do documento, assim como o amor que desenvolveu pelas personagens.

E por fim a si, que se prepara para espreitar por entre as camadas de véus que escondem a Carolina. Vibre com a música, não se perca no ritmo das ancas e concentre-se nas pequenas missangas. Espero que se apaixone pela minha Carolina.

Há mil formas de beijar.
Um milhão de maneiras de dizer eu amo-te.
Nem as estrelas do céu são eternas.

1 David

É o primeiro dia do nono ano. Tudo normal. Sento-me na última fila da sala junto à janela, sempre dá para me distrair com a rua. Cá de trás consigo ver toda a gente e ninguém me chateia. É o meu primeiro dia nesta escola e não conheço ninguém. Os meus pais não gostaram da ideia de mudar de escola; eles queriam que eu seguisse economia, gestão ou qualquer coisa chata e aborrecida com muita papelada. Foi uma guerra difícil, mas tenho a certeza que vai valer a pena. Vou tomando notas, mas não presto atenção a nada. Já são quatro horas e esta é a última aula, quando isto acabar tenho de esperar pelo meu pai para ir para casa. Mais uma regra que me obriga a cumprir. Uma seca a que tenho de me habituar.

De repente o céu abriu e entra pela janela uma luz que acerta mesmo em cheio na penúltima mesa da fila ao lado da minha. Toda ela brilha como um anjo. O seu cabelo escuro e liso quase me cega com o reflexo do sol. Quero ver-lhe a cara, mas não consigo. O que consigo ver, e bem, é que tem uma cintura, um rabo e umas pernas. UAU! Tudo redondinho. Não é gorda, mas também não é magra. Para mim é perfeita. Estou até ao toque a tentar ver-lhe a cara. Caraças, a miúda é marrona, é a aula de apresentação, não é preciso tanta coisa. Vira-te. Devia ter tomado mais atenção durante o dia, nem sei o nome dela.

Toca para a saída e espero um bocado. Está a falar muito animada com a colega de mesa, já se devem conhecer. Valeu a pena, ela vira-se para pôr o dossiê e o estojo na mala. Tem um sorriso lindo, uns olhos meigos castanhos escuros, muito escuros. A miúda tem umas curvas malucas. Acho melhor não me levantar já.

Já ando nisto há um mês. A Carolina anda sempre com as mesmas colegas e ainda não falou comigo. Bem, também não a vi a dar conversa a mais nenhum rapaz. É linda, um anjo. Tem um nome lindo. Não quer nada comigo! Mas um dia meto conversa. Aí, meto, meto. Mas como? É numa altura destas que dava jeito ter um irmão mais velho. Não vou falar disto ao meu pai. Tenho de arranjar um plano. E ganhar coragem.

Já estamos quase nas férias de Natal. Tenho de falar com ela antes das férias. Nunca falo com ninguém e quero meter conversa com uma miúda. Ah! Ah! O meu pai faz-me ouvir a estação de rádio que só passa música lamechas do tempo dos afonsinhos; todos os dias de manhã e à tarde. Às vezes passa na rádio uma música que me lembra a Carolina. Não posso pensar muito, ganho coragem e meto-me com a miúda. Se não gostar, paciência. Se não gostar é porque é parva. A prof. saiu, é agora. Inclino-me para a frente e começo:

— “Oh! Carol I am but a fool / Darling, I love you /
Though you treat me cruel”¹

Resultou! Vira-se! Ela percebeu que eu estou a chamá-la. Oh bolas! Ela vira-se outra vez para a frente. Merda, a prof. voltou. Será que foi por isso que ela se virou? Vou tentar outra vez. Agora é mais fácil, ela percebeu que era com ela.

— “Oh! Carol I am but a fool / Darling, I love you /
Though you treat me cruel”

Meio atrapalhada, mas vira a cara para mim e sorri. Yes! Ela sorriu para mim. Um sorriso só para mim. Virou-se para a frente no segundo seguinte, mas sorriu para mim.

— “Oh! Carol I am but a fool / Darling, I love you /
Though you treat me cruel”

Mais um sorriso. Ela está a gostar. Ela está a gostar de mim. Só dura um segundo, mas quando ela sorri para mim eu até vejo estrelas. Levantou-se? Porquê? Ah, tocou para a saída, nem percebi. Nem sei o que se passou nesta aula. Só sei que ela gosta de mim. A minha miúda gosta de mim!

Nos meses seguintes cantei-lhe esta música várias vezes e ela sorriu sempre. Fiquei feliz, mas nunca passamos disso. Ela anda sempre com as mesmas colegas e nunca consegui fazer mais nada. Nem mesmo nas horas em que ficámos sozinhos à

¹ Referência à música «Oh Carol» de Neil Sedaka. «Oh Carol, eu sou um tolo, amo-te apesar de me tratares cruelmente».

espera dos nossos pais, que nos vêm buscar ao portão da escola quase todos os dias da semana.

Já estamos no décimo ano. A turma é quase toda a mesma do ano passado. Tenho dois colegas com quem vale a pena perder tempo, o André e o César, todos os outros passam-me ao lado. Arranjei uns fones e ando sempre com eles nos ouvidos, o mais alto que dá, não me importo nada que me achem antissocial. Eu também não ligo nada a coisa nenhuma e nunca me dei ao trabalho de me sentir deslocado. Bem, não é bem assim. Continuo encantado pela Carolina. Sim, encantado é a palavra certa. Agora já passamos mais tempo juntos, principalmente na biblioteca. Sempre que temos um buraco no horário é para lá que vou a correr. Tento sempre chegar primeiro que o resto da turma e ficar numa mesa perto da janela que dá para o interior da escola. Vou olhando disfarçadamente até me aperceber que ela vem a caminho da biblioteca, a partir do momento em que a vejo, e para disfarçar o melhor possível, torno-me a pessoa mais antipática do mundo. Já sei que ela acaba sempre na minha mesa. Há seis lugares por mesa e ela senta-se sempre que possível do lado oposto ao meu. Não necessariamente à minha frente, mas dá para ir olhando para ela, disfarçadamente, sempre que me apercebo de que ela está concentrada nalguma matéria. Fica tão linda. Até a estudar na

biblioteca, naquela meia luz, ela brilha. Todos os filamentos de luz que entram pelas muitas janelas da biblioteca mais escura do mundo, realçam a ternura do rosto da Carolina. Ela tem uma cara luminosa, um anjo. Tem uns olhos doces, mãos delicadas, a pele dela parece nunca ter sido tocada pelo sol de tão branca que é. Não é uma rapariga dentro dos padrões. Quando almoça no refeitório, o que não acontece muitas vezes, suporta com facilidade as conversas que usámos para fazer as raparigas ficarem enojadas e deixarem o comer para nós. Por vezes até se ri. Adoro este lado dela. Às vezes parece um rapaz, quer ganhar todas as discussões, quer fazer todas as experiências de química ou de biologia. Pode ser estranho, mas adoro que ela lute, que não tenha medo de mostrar o que quer. É uma lutadora a minha miúda. Está sempre em guerras sobre a igualdade entre homens e mulheres, ou algo parvo como um poema qualquer. Faz uma barulheira por coisas que não interessam nada. Para dizer a verdade nem ouço a maior parte dos seus argumentos, mas adoro a paixão com que defende as suas ideias. Fala pelos cotovelos e dá muito às mãos, mas é o meu anjo. É uma miúda simples, não usa roupa de marca, e não parece nada preocupada com isso. Aliás, todas as suas amigas são pessoas simples o que só pode ser um sinal de que não liga nenhuma a futilidades. Esta tarde, todos os lugares estão já ocupados, menos o lugar ao meu lado. Ela sentou-se ao meu lado. Eu não vou conseguir estudar com ela ao meu lado. O cheiro dela. Ela nem usa perfume, é mesmo

o cheiro do champô. Mas não consigo. Como é que disfarço? Nem consigo pensar. Comecei a mandar vir com ela. O choque ficou estampado na carinha dela. ‘Tadinha. Sou mesmo uma besta.

Toda esta rotina continuou sem grande alteração até ao ano seguinte. Nesta fase passamos cada vez mais tempo juntos, infelizmente, para estudar. Mas também conversamos e vamos conhecendo-nos cada vez mais. E se ao princípio foi uma atração meia estranha, hoje é também admiração e amizade. Admiro a força com que ela defende os seus pontos de vista, mas tenho de os derrubar. Arranjo sempre maneira de me meter em lutas com ela, muitas vezes é só para a ter a discutir comigo. Provoco reações violentas naquele olhar, e admito que fico descontrolado quando ela me ataca sem parar, com argumentos que parecem não ter fim. Adoro a sensação que me dá vê-la daquela maneira. No mesmo instante em que a admiro por isto, também é algo que me irrita furiosamente. Não sei explicar, mas não consigo comportar-me de outra maneira em relação a ela. Nenhuma rapariga tem este efeito em mim. Ela consegue tirar-me do sério. Basta ela ter uma conversa, ou rir-se para algum amigo dela; eu sei que são só amigos, mas nem ver aquilo eu consigo. Simplesmente viro costas. Se o intervalo for pequeno ponho os fones e fico ali a olhar para a parede a ouvir aquela música, aos

berros para tentar abstrair-me. Vê-la a rir às gargalhadas com qualquer um é como ser torturado. Apesar disso aproveito todos os momentos em que estamos juntos para pelo menos ter a sua amizade. Sim, também é a única pessoa com paciência para me ouvir. Ela ouve-me com tanta atenção. Fazemos confidências um ao outro, temos os dois problemas com pais ultra-controladores. Tanto na minha casa como na dela há muitas pressões e regras rígidas. Deve ser por isso que me compreende. Não percebo o que ela sente por mim. Na realidade sempre me tratou de maneira normal. Há muita atração, pelo menos do meu lado. Sou doido pela Carolina. Ela domina os meus pensamentos de dia e tortura-me de noite. A Carolina é cada vez mais mulher. O seu corpo torneado ganha sensualidade a cada dia que passa. Tem umas calças vermelhas que lhe apertam o rabo duma maneira. Fico doido com aquele rabo assim.

Chegou a primavera, e o sangue novo pulsou. Sem dúvida. A nossa turma tem uma viagem de estudo ao jardim zoológico. Aturar esta gente na escola já é uma merda, fechados num autocarro durante uma hora não há pachorra. Já fizemos várias viagens, mas nesta ela ficou sentada no banco à minha frente. A nossa turma ficou no fundo do autocarro e pelo meio da gritaria a que chamam de cantoria, ela ajoelha-se virada para trás para ir a cantar também. Eu, claro com os meus inseparáveis fones aos berros nos ouvidos, vou fazendo cara de enjoado com aquilo, mas lá vou lançando um olhinho à miúda dos meus

sonhos... e pesadelos. Os olhos dela brilham, os lábios não param quietos e ela vai dançando o melhor que dá naquele espaço tão pequeno. É tão tontinha. Gosto tanto dela assim, feliz por coisa nenhuma. Quero tanto que seja feliz. Não consigo tê-la, mas não me atrevo a afastar-me. Também, mesmo que quisesse, somos da mesma turma, não seria fácil. Espera. O que é que ela está a fazer? Não pode ser verdade. Ela dá comigo em doido. Ela está a usar um dedo para pôr um creme nos lábios. Que tusa! Deve ter sido da falta de sangue no cérebro porque, sem pensar em nada, levanto-me e completamente rendido a toda a sua sensualidade, digo:

— Emprestas-me?

Ela olha muito para os meus olhos, demora um bocadinho, olha para o frasco e entrega-mo. Não. Carol, eu quero que me emprestes o teu dedo e o uses para pôr o creme nos meus lábios. Ou uses os teus lábios brilhantes e com um beijo transfiras esse mel para a minha boca. Paciência, terei de me contentar com ter nos meus lábios o mesmo creme que adoça a tua boca. O creme tem uma textura cremosa e um cheiro adocicado, não consigo perceber bem, mas no frasco diz que é a pêssago. Coisas de miúda. Mariquices. Se fosse qualquer outra miúda não ligava nenhuma. As outras também têm frasquinhos destes, acho eu, não ligo muito a essas merdas. Vê-la, tão perto de mim a pôr aquele creme nos lábios com um dedo foi como ter um foguetão e subir pelo céu até alcançar o espaço. Ela não tira os olhos de

mim enquanto eu a imito e com um dedo, infelizmente meu, ponho o creme na boca. Sinto-me tão excitado com a ideia de que também a ela tudo aquilo esteja a excitar, que repito o movimento umas duas ou três vezes. Ela dá uma gargalhada e estende-me a mão.

— Vá, já chega.

Não, não chega, Carol. Eu não digo nada, não consigo. Os nossos olhos estão colados, quando o que eu queria era a boca dela colada à minha. Os olhos dela em mim queimam-me de desejo. Pensando bem, ainda bem que ela não realizou ali mesmo a minha vontade. Seria muito complicado sair daquele autocarro. Passo o resto do dia longe dela, estar perto sem a beijar seria doloroso. Tenho de ganhar coragem e fazer isto andar para a frente até porque a ideia de isto andar para trás a partir de agora é insuportável.

Chegou o dia de anos dela. A turma tem o hábito de fazer «uma vaquinha» e oferecer alguma coisa pelos anos uns dos outros, claro que a mim ninguém oferecia nada até porque eu faço anos nas férias. As raparigas é que tratam dessas coisas e para a Carol resolveram comprar um ramo de rosas claras. Ela até chorou, ficou mesmo feliz. Eu teria escolhido vermelhas. Tirava as pétalas, espalhava-as numa cama e deitava-a em cima, mas enfim.... Estamos todos a cantar-lhe os parabéns e quando batemos palmas, o Ricardo corre para ela, agarra-a pela cintura, levanta-a no ar com as mãos dele só um bocadinho abaixo

daquele traseiro redondinho, aperta-lhe as pernas e pouso-a num ombro. E eu tenho de me sentar, o sangue está a fugir-me do corpo pelo golpe que sofreu o meu coração. A princípio ela grita com o susto, mas depois ri à gargalhada enquanto lhe dá palmadas nas costas. Ele começa a correr com ela no ombro pelo corredor. De repente o pior receio de qualquer homem estava ali à minha frente. A mulher que eu amo está feliz da vida, empoleirada no ombro de outro. É ele que tem as mãos nas pernas dela, é ele que tem o peito dela colado às costas, é nas costas dele que ela tem as mãos. Ele corre, em câmara lenta, e eles riem sem parar com aquela crueldade que me mata por dentro. Finalmente pousou-a no chão. Agora, como se tudo aquilo não bastasse, ela encosta-se a ele e sem tirar os olhos dos dele, e sem parar de rir, encosta a sua mão no peito dele. Eles andam enrolados? Parece que sim. Estou tão cego pela miúda que nem percebi. Eu sabia que ele se metia com ela nas aulas de biologia, fico louco com aquilo. A parva da stora é que escolheu os lugares que cada um ocupa e eles ficaram juntos. Ardia de raiva em cada aula de biologia só de imaginar as coisas que ele lhe dizia sobre a matéria para a fazer rir, às vezes a risota que vinha daquela mesa era tanta que a stora interrompia a aula para os chamar à atenção. Ela estava sempre a rir ao pé dele. Parva da stora. Boa como o milho, tem os rapazes todos a babar por ela, mas porra!

Durante aquela semana prestei mais atenção à relação deles e pelo que percebi não namoram, nem andam enrolados. UFA! Mas não gosto de ver a minha miúda pendurada nos ombros dele. Aquelas mãos nas pernas que eu quero para mim, as gargalhadas que ela lhe dá. Quero que se ria para mim, comigo, só comigo. O Ricardo ganhou o hábito de pôr as miúdas ao ombro nas últimas semanas e a Carolina é a sua nova «vítima» preferida, pudera, ela adora. E eu morro sempre que vejo o cabelo dela pelo ar num movimento rápido e contínuo até tocar no rabo dele. Depois ela empina-se para lhe dar palmadas nas costas, mas aquele lindo cabelo castanho escuro chega a raspar o rabo dele. Dele. Com tantos sonhos que eu tive com aquele cabelo em mim, nas minhas mãos, no meu peito. E ele com a facilidade de um movimento rápido consegue num segundo o que eu não consegui em três anos. Merda!

Na área de biologia da escola, há uma zona de entrada antes das salas. Na verdade, só usamos esse espaço se estiver a chover. Nestes anos nunca mudaram as lâmpadas, apenas a que estava mais perto da porta ilumina a zona, deixando todo aquele espaço mais escuro do que seria de esperar. Numa tarde de abril, ela quer esperar lá dentro e a stora não veio. Toda a turma saiu e acabamos por ficar sozinhos com o André. Não sei como, mas acabamos com as mãos encostadas, olhos colados e parece mesmo que estamos a dançar. Só as nossas mãos se tocam, há meio metro de desejo entre os nossos corpos. Giramos juntos

muito devagar. O André não descola, nem se cala. Não distingo as palavras, mas não se cala nem sai dali. Foda-se! Se calhar até é melhor assim, se calhar ela não ficava ali sozinha comigo. Não dizemos uma palavra, e nunca desviamos os olhos um do outro por mais que o André nos chame. É o momento perfeito para a beijar. As miúdas adoram estas merdas e eu não aguento mais, mas com ele ali não dá para ser romântico. Quero tanto beijá-la. Neste momento preferia, mesmo não sabendo, dançar agarrado a ela. Quero senti-la nos meus braços, quero o peito dela colado no meu, sentir o seu coração, sentir a sua respiração no meu ouvido, cheirar o seu cabelo, e beijá-la, beijá-la sem parar. De repente ouvimos muito barulho e largamo-nos. Entra toda a gente pela porta com a stora e acaba aquele maravilhoso momento que me irá tirar o sono esta noite. Nunca a tinha tido tão perto, nunca tinha tido as suas mãozinhas pequenas e delicadas nas minhas. Preciso tanto daquela suavidade na minha vida. A Carolina não é uma miúda lamechas, mas no fundo é uma menina doce que também precisa muito de carinho e amor. Nós temos mais em comum do que todos imaginam, ou serão coisas da minha cabeça? Eu preciso dela e sei que lhe posso, e quero, dar o que ela precisa. Isto vai, muito devagar, mas vai.

Chegamos a maio, e há mais um aniversário, desta vez é o da Alice. A turma inteira vai almoçar à pizzaria que abriu recentemente perto da escola. Não gosto nada destas merdas, mas tenho de aproveitar todos os segundos que conseguir para

estar com a Carol. Não deu para ficar a turma toda na mesma mesa, mas eu consigo ficar na mesa da Carol e é isso que me interessa. Ela não me liga nenhuma, parece que nem me vê. Eu não aguento esta merda. Que se lixe, não estou na escola, vou beber uma cerveja, também não sou o único, muitos optaram por beber cerveja até porque sabemos que não há mais aulas hoje. As bebidas vieram depressa, mas ainda tivemos de esperar um bocado pelas pizzas. Comemos, se eu soubesse que ia ser esta merda tinha comido no refeitório da escola. A pizza está boa, mas a Carolina está noutra. Assim que chega a conta, pago a minha parte e arranco para a escola. Não tenho razão nenhuma para ficar ali a ser ignorado. Estou um bocadinho tonto, mas faço o caminho todo sozinho. Fico nos bancos perto do portão da entrada, ainda falta muito para o meu pai me vir buscar, mas não me apetece aturar as outras turmas nos intervalos e a biblioteca, hoje, está muito longe. Se calhar não devia ter bebido a cerveja. Já está. A Carolina chegou à escola. Vem com o João e a Alice. Ficam um bocado na galhofa no outro banco, perto de mim, mas a uma distância gigantesca. Menos mal, a Alice vai embora. A Carolina e o João sentam-se no meu banco e continuam a conversa. Devo estar insuportável porque o João mandou-me ir molhar a cara. Deve pensar que manda. Fecho os olhos, encosto-me à parede e dali não saio. Teimou:

— Vai lá. Daqui a bocado está aí o teu pai e depois vai ser bonito.

Merda. Eu sei que ele tem razão. Se o meu pai me encontra à porta da escola neste estado ‘tou tramado. Levantei-me, acho eu, e lá fui andando para a casa de banho. É tão longe. Ainda não fiz metade do caminho, aparece a Carol que me diz, ou sussurra:

— Anda, eu ajudo-te.

Sempre tão doce esta minha miúda. Ela é minha. Entrelaço o meu braço direito no braço esquerdo dela. Está calor, deve estar, eu tenho calor e ela está de manga curta. Os meus dedos tocam-lhe a pele na zona interna do braço, perto do cotovelo. E a minha respiração para, e o meu coração para. A pele dela é ainda mais suave do que eu alguma vez me atrevi sonhar. Os meus dedos escorregam devagar, muito devagar pela pista de aterragem em que se tinha transformado o braço dela. Quando os meus dedos chegaram à mão dela, enfio os dedos firmemente entre os seus. Instantaneamente, como se fosse a coisa mais natural do mundo, fechamos os dois os dedos com força, quase como se estivéssemos a apertar com força um nó que nos ligaria para sempre. O meu coração bateu, os meus pulmões encheram-se de ar. Ali, naquele microssegundo, tudo fez sentido, todas as peças se encaixaram. E eu descubro o que é o céu. Ela é o meu céu, o meu paraíso, a minha promessa de um amanhã feliz. Não tenho coragem de olhar para ela, e ela também não olha para mim. Se alguém visse aquele momento de certeza pensaria que era uma coisa que já fazíamos há imenso

tempo e a toda a hora. Ela empurra a porta para a zona central da escola e segura-a para eu passar. Nunca me largou. Atravessamos todo aquele espaço, subimos as escadas, sempre entrelaçados. Será que o João tem razão e eu bebi demais? Será que estou a sonhar? Chegamos à casa de banho e ela vira-se só um bocadinho para mim, baixa os olhos para o chão e diz meio atrapalhada:

— Desculpa, eu queria ajudar-te, mas não posso entrar na casa de banho dos rapazes. Desculpa. Achas que ficas bem?

Tão querida. Traz-me pela mão até à porta da casa de banho e ainda pede desculpa. Eu até gostava que ela entrasse, mas neste estado é melhor não. Faço-lhe sinal que vai correr tudo bem e entro. Ainda lá estive um bocado, molho muito a cara para tentar acordar, não me esqueci que o meu pai deve estar a chegar. Quando saio, lá está ela à minha espera. Juro que pensei que ela já se tinha ido embora. Mas lá está a minha Carol, o meu anjo. Quero tanto ter a mão dela na minha outra vez, mas não ma dá. Fazemos todo o caminho em silêncio. Já se arrependeu. Eu estou cheio de vergonha, não queria nada que ela me visse assim. O álcool é uma coisa que quero esconder no fundo do meu passado e a Carol é o meu futuro. Quando chegamos ao portão, o João está à nossa espera para ir embora, só ficou para tomar conta das nossas coisas. Ficamos sozinhos, em silêncio até o meu pai chegar. Antes de ir para o carro a Carolina diz muito baixinho:

— Tem cuidado. Fica caladinho.

Ainda que rapidamente, consegui olhar para ela, nunca lhe tinha visto o rosto tão preocupado, nem o olhar tão doce. Ela está tão preocupada comigo. Ela sabe porque, sabemos os dois.

Nessa noite sonhei com ela. Connosco. Com o futuro. Um sonho diferente dos milhões de sonhos em que a tive só para mim. Sonhei que eramos mais velhos, juntos na cama. Há tanta luz no quarto. Muitos risos, os nossos e o de duas crianças pequeninas. Os miúdos têm os olhos dela e os meus caracóis, lindos. Acordei tão feliz. Sim, é tudo o que quero para a minha vida. Unido para sempre com aquela miúda doce. Os nossos filhos serão felizes e amados por uma mãe doce e protetora como a Carol. Ela não vai deixar que ninguém, nem mesmo eu, destrua o nosso futuro luminoso. Aí de quem tentar. Temos tudo para sermos felizes. Bem, falta coragem ou atrevimento para o primeiro passo. Ou será que esse já foi dado pelas nossas mãos? Estou a dar em doido. Porque é que isto é tão complicado? Eu acho que ela sente algo por mim, mas e se for só amizade? E se ela não me quer como eu a quero tanto a ela? Quero-a por inteiro. Quem me dera que ela sentisse o mesmo e, já que luta tanto pela igualdade entre os géneros, desse ela a porcaria do tal primeiro passo. Eu quero muito, mas tenho medo de estragar tudo, talvez deva esperar mais, talvez com mais tempo ela venha a sentir o mesmo. Talvez.

Numa tarde de junho tivemos de ir à papelaria fora da escola. Só os dois em silêncio. No caminho de volta começa a

cair uma chuvinha miudinha. Com o calor que está até sabe bem levar com aqueles pingüinhos de água. Mantinho o meu passo lento, mas a Carol começa a correr. Quando se apercebe que não a sigo, grita:

— Anda.

— Não — respondo secamente.

Ela para imediatamente e espera por mim sem reclamar. A rapariga que está sempre a reclamar, está ali em paz à chuva a olhar para mim. Caramba. Quero tanto esta miúda. Que se lixe a chuva, quero beijá-la. Quero puxá-la para mim, agarrar aquele corpo e senti-lo molhado em mim. Quando a alcanço, acobardo-me e invento uma treta qualquer. Qualquer conversa de merda serve desde que ela fique ali comigo mais alguns minutos.

— Andes devagar ou corras, vais ficar molhada, mas nem é muito. Por isso mais vale ires devagar para não escorregares pelo caminho.

— O. K. — responde ela.

Não podia ser melhor para mim. Ela concorda comigo e assim ficamos mais um bocadinho juntos. Perfeito era dar-me a mão. Melhor ainda era darmos o primeiro beijo ali mesmo no meio da chuva. Ela continua a andar e eu acordo para a vida.

As aulas estão quase a acabar e não sei como vou fazer se tiver de passar o verão todo sem a ver. Já arranjei um trabalho para as férias, mas também quero arranjar uma maneira de nos encontrarmos. Quem acabou de resolver o meu problema foi o